

Versão Online

ISBN 978-85-8015-054-4

Cadernos PDE

VOLUME I

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2009

A EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM SURDOCEGUEIRA: subsídios para a formação de professores

Autora: ¹BRENNER, Josiani Aparecida Vieira

Orientadora: ²TURECK, Lucia Terezinha Zanato

RESUMO

Este estudo refere-se a uma pesquisa cuja temática é o estudo das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, principalmente de L. S. Vigotski, para a Educação Especial e, mais precisamente, para a educação de surdocegos. A pesquisa justificou-se pela necessidade de estudar profundamente a metodologia de trabalho educacional junto às pessoas surdocegas, sobre a surdocegueira e as metodologias pedagógicas que deem conta de oferecer educação de qualidade na educação especial e tornar possível a inclusão no ensino comum. Isto implica em reconhecermos a necessidade de uma teoria norteadora para uma prática que pretende ser mais efetiva, oportunizando aos surdocegos o acesso às elaborações humanas que os permitam tornarem-se homens culturais de fato. Valeu-se de estudos do autor, bem como de outros estudiosos e autores que abordam a surdocegueira e a Teoria Histórico-Cultural. Encontramos nesta concepção uma visão diferenciada do processo de desenvolvimento e aprendizagem, que veicula a necessidade do social, não desprezando o biológico existente no ser humano, mas atribuindo um papel importante ao social, que proporciona símbolos e instrumentos historicamente produzidos (que passam de geração para geração) e que auxiliam na relação do sujeito com o mundo e as maneiras de atuar nele. Há de se considerar, ainda, que este aprendizado contribui para o processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que são fundamentais no trabalho com surdocegos.

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural; Surdocegueira; Educação Especial; Inclusão escolar.

¹ Professora da Rede Pública do Estado do Paraná com Licenciatura em Letras –Inglês e Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos na área de Língua Portuguesa e Educação Especial Inclusiva. Participou nos anos de 2009/2010, da terceira turma de PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná).

² Mestre em Educação (UEM) e Doutoranda em Letras (UFBA), Licenciada em Pedagogia (UEPG). Membro do Colegiado do Curso de Pedagogia, leciona a disciplina de Fundamentos da Educação Especial, na Unioeste, campus de Cascavel, Paraná.

ABSTRACT

This study refers to a pesquisação whose theme is the study of the contributions of Historic-Cultural Psychology, mainly L. S. Vygotsky, special education, and more specifically for the education of deafblind .. The pesquisação justified by the need to study deeply the methodology of educational work with deafblind people, about deafblindness and the teaching methods that take account of offering quality education in special education and make possible the inclusion in the mainstream school. This involves recognizing the need for a guiding theory for a practice that seeks to be more effective, providing opportunities for deafblind access to human elaborations that allow them to become men of cultural fact. Relied on studies of the author, as well as other scholars and authors that deal with deafblindness and the Cultural-Historical Theory. We find this concept a different perspective on the process of development and learning, which conveys the need for social, not disregarding the existing biological in humans, but important role of the social, which provides instruments and symbols historically produced (they pass from generation to generation) and that help link the subject with the world and ways of acting on it. One should also consider that this learning process contributes to the development of higher psychological functions, which are essential in working with deafblind.

Keywords: Cultural-Historical Theory; Deaf-Blind; Special Education; Inclusive education.

1 Introdução

Pessoas com surdocegueira tem buscado o atendimento educacional nas escolas e instituições especializadas, constituindo uma demanda a ser considerada como alunado escolar, sendo necessária também a formação dos professores para os atendimentos educacionais especializados e o ensino inclusivo.

Pouco se conhece sobre a surdocegueira e ainda menos sobre formas de procedimentos pedagógicos que deem conta de oferecer aos alunos surdocegos uma educação de qualidade no ensino especial, a fim de tornar possível sua inclusão no ensino comum. Essa educação perpassa por diversas questões, dentre elas as diferentes concepções das deficiências, aprendizagens, metodologias, materiais didáticos e conhecimentos específicos. Tais questões fomentam as reais necessidades

de comunicação de surdocegos para que consigam a autonomia limitada por sua condição física e psíquica, fazendo com que superem suas dificuldades.

As contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, no que concerne à Educação Especial (VIGOTSKI, 1997), são os referenciais teóricos que mais se aproximam do ensino para surdocegos. Suscitam questionamentos, diretrizes e formulações de alternativas, essenciais para o plano pedagógico dos alunos que possuem surdocegueira, pois essa deficiência, apesar de ser única, se caracteriza por acometimento duplo.

A zona de desenvolvimento proximal de Vigotski (VIGOTSKI 1997) é uma das teorias que mostra de forma clara como elaborar um plano pedagógico para trabalhar com crianças surdocegas. Esta teoria indica uma atuação do professor que medeia o nível atual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade atual de resolver problemas sozinha, sob a orientação de adultos, ou ainda, em colaboração com os pares mais capazes. Zona de desenvolvimento proximal é, portanto, tudo o que a criança pode adquirir em termos intelectuais quando lhe é dado o suporte educacional devido.

Vivemos atualmente num mundo informatizado, onde as pessoas têm constantemente contato com as mais variadas informações através de modernas redes, como a internet, televisão e outros. Há de se considerar, porém, que uma parcela da população, por ter os dois principais sentidos de entrada de informações (visão e audição) deficientes, apresentando perda parcial ou total destes sentidos devem ter acesso a outra forma de compensação, ou então ficarão à margem de todo um contexto social. Há ainda toda uma gama de relacionamentos diretos, de troca de experiências, de ricas aprendizagens, que serão parcialmente ou totalmente perdidas, se a comunicação ficar truncada entre essas pessoas e as outras que as cercam.

Logo, é de extrema importância que as pessoas com surdocegueira sejam atendidas de maneira adequada pela família, sociedade e principalmente pelas redes de ensino. Neste sentido, fez-se necessário a realização de um estudo aprofundado, através de um curso de formação aos professores selecionados.

A história do homem e suas deficiências perpassa por momentos distintos e diversos autores como: MAZZOTTA (1996), BUENO (1993), GLAT (1995), ROSS

(1995), GUIMARÃES E ROSS (2003), CARVALHO; ROCHA E SILVA (2006), propiciam-nos clareza e entendimento a respeito da história das formas de concepção e tratamento das pessoas com deficiência.

Diante desse cenário histórico e face ao nosso foco de estudo, cabe-nos compreender como foi e está sendo construída a educação das pessoas com surdocegueira no mundo e no Brasil, bem como propor formação aos professores selecionados tendo como teoria norteadora do estudo a Psicologia Histórico- Cultural.

2 A Surdocegueira

A surdocegueira, foco de nossa pesquisa, remete-nos a um estudo mais detalhado de como foi e está sendo construída a educação das pessoas com surdocegueira, no mundo e no Brasil.

A aceitação dos termos surdocego e surdocegueira, sem hífen, foi proposta em 1991 por Salvatore Lagati (1995), que defendeu na IX Conferência Mundial de Orebro (Suécia) a necessidade do reconhecimento da surdocegueira como uma deficiência única.

A terminologia surdocego sem hífen se deve à condição de que ser surdocego não é simplesmente a somatória da deficiência visual e da deficiência auditiva e sim de uma condição única que leva a pessoa a ter necessidades específicas para desenvolver comunicação, orientação e mobilidade e de acessar informações sobre o mundo para conquistar a autonomia pessoal e inserir-se no mundo (p. 306)

A surdocegueira é a deficiência, em diversos graus, dos sentidos de audição e visão; isto é, o surdocego pode ver ou ouvir em pequenos níveis, dependendo do caso.

Com base nos estudos de McInnes e Treffy (1991), pode-se classificar alguém como surdocego quando o indivíduo não tenha suficiente visão para compensar a perda

auditiva, ou vice-versa, que não possua audição suficiente para compensar a falta de visão. Ainda segundo esse autor,

o surdocego não é um surdo que não pode ver ou um cego que não pode ouvir [...], mas se constitui numa condição única [...] de privação multissensorial a quem foi negado o uso efetivo e simultâneo de dois sentidos distais”. Essa privação interfere de forma significativa na relação do indivíduo com o ambiente (p.7).

Vários autores defendem a surdocegueira como única, não como a soma de dois comprometimentos sensoriais. Ou seja, é uma deficiência na qual a pessoa não conta com ambos sentidos o da visão e o da audição, sendo uma deficiência única.

Segundo o ponto de vista sensorial de Miles e Riggio (1999), surdocegos podem ser: indivíduos surdos profundos e cegos; indivíduos surdos e têm pouca visão; indivíduos com baixa audição e que são cegos; indivíduos com alguma visão e audição. No Brasil tem sido aceita e difundida a seguinte definição:

Surdocegueira é uma deficiência singular que apresenta perdas auditivas e visuais concomitantemente em diferentes graus, levando a pessoa surdocega a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender, interagir com as pessoas e o meio ambiente, proporcionando-lhe o acesso à informação, uma vida social com qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho (GRUPO BRASIL³, 2003).

Conforme o período de aquisição da surdocegueira, utiliza-se a classificação em surdocego pré-linguístico e pós-linguístico.

O surdocego pré-linguístico não adquire uma imagem real do mundo em que vive; não pode aprender de imediato com as pessoas que convive, o que estas fazem e falam. Não sabe o que tem ao seu redor, nem sequer sabe o que se passa ao seu redor. Superar essa condição de extremo isolamento e distanciamento de tudo somente

³ Grupo Brasil: Instituição de Apoio ao Surdo-cego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial.

será possível se estimulado em atendimentos educacionais específicos, muitas vezes de forma individualizada. Na ausência destes, a criança surdocega apresentará dificuldades na formação de conceitos sobre a existência e a função da linguagem e de suas ações no ambiente (GRUPO BRASIL, 2000). Sem a mediação é provável que o mundo da criança surdocega seja seu próprio corpo, nada existindo fora de si mesma (GRUPO BRASIL, 2001).

O surdocego pós-linguístico, que é em grande parte mais susceptível a mudanças, seus interesses também devem ser respeitados, principalmente aqueles que visem à integração social, sua comunicação, e seu crescimento pessoal/ individual. Para tanto a independência pode significar o uso de algum equipamento especial, e, com certeza, a aprendizagem de modelos de comunicação alternativos.

Segundo Telford e Sawrey (1988 p. 502), “a diferença básica entre o surdo, o cego e o surdocego é a consciência da função da linguagem. Enquanto o surdo vê, e o cego ouve, o surdocego não tem nenhuma consciência da linguagem”.

Como lembra Vigotski⁴ (1995), é necessário que os estímulos proporcionados sejam apropriados à singularidade de cada criança. É, portanto, necessário que o indivíduo surdocego vença o “isolamento” e só depois de ter sido estabelecido o contato efetivo e seu isolamento ser reduzido é que a instrução formal se torna possível (TELFORD & SAWREY, 1976, p. 389).

Além de não poder utilizar-se dos sentidos de distância (visão e audição) para receber as informações reais do mundo, o desafio para as crianças desenvolverem a comunicação é complexo, portanto faz-se necessário estimular e motivar o surdocego para que participe de diversas experiências, pois o processo de ensino aprendizagem ocorre por repetição e estimulação que deve ser mediada pelo professor, família e sociedade.

Portanto, o aluno, não pode ser visto como um mero objeto que precisa adaptar-se às condições da escola e da sociedade; ele deve ser reconhecido a partir de sua atividade, nas relações que estabelece com os bens simbólicos e materiais que lhe

⁴ O nome deste autor é encontrado, na literatura consultada, escrito de várias formas, dependendo do idioma de referência. Adotaremos, neste trabalho, a grafia Vigotski, como é grafada nas traduções em espanhol feitas diretamente do russo.

são possibilitados, desenvolvendo-se e satisfazendo suas necessidades nesse processo; assumindo assim a posição de sujeito no processo de aprendizagem e apropriação da cultura, sendo parte da história e da sociedade na qual está inserido.

Myklebust (1971) afirma que quando faltam os sentidos de distância, o tato assume o papel de sentido-guia, sendo complementado pelos sentidos remanescentes na exploração e no estabelecimento de contatos com o mundo exterior.

O processo de aprendizagem ocorre por repetição e estimulação orientada em contextos naturais, dado que a surdocegueira interfere na capacidade de aprendizagem espontânea e na de imitação. Sabe-se que o aprendizado da via de comunicação exige atendimento especializado com estimulação específica e individualizada.

A criança poderá desenvolver e aprender a usar seus sentidos remanescentes, pois, segundo Nunes (2001),

O processo comunicativo envolve recepção da informação e a respectiva compreensão da mensagem. Desde muito cedo, a criança começa a perceber o que é a fala e que os diferentes tons de voz, as expressões faciais, os gestos e os toques, pretendem dizer-lhe algo, ou seja, que esses comportamentos têm significados (p.86).

No entanto, para a criança surdocega essas recepções estão comprometidas, sendo importante considerar cuidadosamente as formas de como transmitir a informação e como lhe será permitido que comece a antecipar o que vai acontecer. A comunicação pode ser receptiva - processo de recepção e compreensão de mensagens, ou expressiva - forma como expressar desejos, necessidades e sentimentos.

Além de não poder valer-se dos sentidos de distância (visão e audição) para captar informações reais do mundo, a criança surdocega pode apresentar alguns problemas decorrentes de saúde, aspecto que pode vir a interferir no processo de ensino e aprendizagem.

Em ambos os casos o desafio é complexo: as crianças precisam desenvolver formas de comunicação inteligíveis com os seus interlocutores, antecipar sucessos futuros ou o resultado de suas ações.

Além dessas questões, é importante que a criança esteja motivada a participar de experiências externas, ainda que básicas, como alimentação, higiene, lazer etc. O processo de aprendizagem ocorre por repetição e estimulação orientada em contextos naturais, dado que a surdocegueira interfere na capacidade de aprendizagem espontânea e na capacidade de imitação.

É no espaço escolar que a criança deve se apropriar ativamente dos conhecimentos acumulados e sistematizados historicamente pela humanidade, formulando conceitos científicos.

A linguagem constitui o principal mediador da aprendizagem e do desenvolvimento, é através dela que o ser humano se constrói enquanto ser sócio-histórico, modificando os seus processos psíquicos (VIGOTSKI 1997). A linguagem permite a evocação de objetos ausentes, análise, abstração e generalização de características de objetos, eventos e situações, e possibilita o intercâmbio social entre os seres humanos.

Pensamento e linguagem, unidade que, na sua forma mais simples, é representada pelo significado da palavra. O significado de cada palavra é uma generalização ou um conceito. E, como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento (OLIVEIRA, 1997, p. 48). É a qualidade das interações culturais disponíveis no meio que irá determinar a forma de pensar ao longo do desenvolvimento do ser humano. A linguagem, a palavra e o significado não são únicos, nem universais, sendo o produto das interações sociais em cada momento histórico.

Da mesma forma que a linguagem, a atividade humana se desenvolve nas relações sociais. Os estudos da atividade humana desenvolvidos por Leontiev (1978) são desdobramentos dos postulados básicos de Vigotski. As atividades humanas são consideradas por Leontiev como formas de relação do homem com o mundo, dirigidas por motivos, por fins a serem alcançados. A idéia de atividade envolve a noção de que o homem orienta-se por objetivos, agindo de forma intencional, por meio de ações planejadas (OLIVEIRA, 1997, p. 96).

Ao falarmos sobre comunicação faz-se necessário conceituar linguagem, língua, fala e comunicação. Segundo Vigotski (1997), “a linguagem é um dos mais poderosos meios de influência sobre a conduta do outro. O próprio homem, no processo de seu desenvolvimento, chega a dominar os mesmos meios que foram utilizados para orientar o seu comportamento.”

De acordo com Rodrigues (2008),

Linguagem: é a capacidade comunicativa que têm os seres humanos de usar intencionalmente qualquer sistema de sinais significativos para comunicar seus pensamentos, idéias, sentimentos e experiências. É todo e qualquer sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos. Língua: é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la, nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre membros da comunidade. Fala: é a realização concreta de uma língua, feita por um indivíduo de uma comunidade num determinado ato de comunicação. Comunicação: é o espaço de troca de sensações, vivências, informações com o outro. A comunicação é, depois da sobrevivência física, a mais básica e vital de todas as necessidades (p.30-33).

A comunicação é muito importante para o ser humano, pois é a forma de expressar sentimentos, partilhar informação, dizer pistas, interagir com os outros. Comunicar faz parte da essência do ser humano. A comunicação é de enorme importância para a vida de uma pessoa, pois propicia para a sua autoconfiança e a sua auto-estima. A comunicação humana implica interações e envolve, ações, palavras, sons, gestos, posturas, expressões corporais, é a maneira como o ser humano se exprime, trabalha, se diverte e ama. Segundo Nunes (2001), partindo desta premissa:

Comunicar é vital para o desenvolvimento da pessoa, para a manutenção da sua saúde e do seu bem estar. A maior parte dos conhecimentos aprendidos pelas crianças durante a infância surgem através da relação com os outros (adultos ou crianças), do que estes lhes contam e explicam, mas também vendo e ouvindo o que os outros dizem e fazem. Através dessas interações aprendem a comunicar; aprendem o significado dos objetos, das expressões faciais, dos gestos, dos

movimentos e da fala. Desta forma, a criança adquire os conceitos e apropria-se de conhecimentos (p.79).

Segundo McInnes e Treffy (1991) a comunicação pode ser sistematizada como tentativa de acessar uma informação, de impor ordem no ambiente próximo. A comunicação viabiliza a interação da pessoa com o mundo e abrange a fala e a linguagem, porém não se limita a eles.

Cader – Nascimento (2002), afirma que:

A comunicação ocorre por meio da linguagem corporal, por gestos expressivos, indicativos e demonstrativos ,através de processos convencionais determinados culturalmente (fala, signos, símbolos, escrita, sinais), por aparelhamento técnico especializado sonoro, visual ou vibratório, objetivando um bom entendimento de um processo interativo (p. 23).

O desenvolvimento da comunicação em crianças surdocegas só será possível na medida em que esta perceber os efeitos de suas tentativas prévias de interação com o ambiente humano e físico, segundo McInnes e Treffy (1991).

Neste contexto, para as crianças surdocegas a comunicação é mais do que ser capaz de falar ou deter linguagem, é de conquistar espaço sendo capaz de interferir no ambiente e perceber os efeitos de suas intenções comunicativas e interagir com o mediador.

As crianças surdocegas, através de pequenos movimentos como, riso, choro, ato de apontar, dirigir o olhar, estão utilizando-se da comunicação não simbólica para expressar suas necessidades. Cabe então ao mediador observar e dar significado a essas formas de comunicação utilizadas pela criança. Desta forma será possível otimizar o seu potencial comunicativo, aprendendo assim usar esses movimentos de forma significativa.

3 A formação do professor mediador da pessoa surdocega

Partindo da construção histórico-social do psiquismo humano, Vigotski (1995) enfatiza que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, próprias dos seres humanos, se estruturam inicialmente como função compartilhada com outros sujeitos (interpsíquicas) e posteriormente como função do próprio sujeito (intrapsíquica).

Sobre as funções psicológicas superiores, Facci (2004), considerando as premissas vigotskianas, afirma que as mesmas são:

[...] tipicamente humanas, tais como a atenção voluntária, memória, abstração, comportamento intencional, são produtos da atividade cerebral, têm uma base biológica, mas, fundamentalmente, são resultados da interação do indivíduo como mundo, interação mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos (p. 65).

De acordo com a autora, a constituição das funções psicológicas superiores caracteriza-se pela mediação dos signos, dentre eles, a linguagem, considerada a mediação mais importante e reconhecida como um sistema de signos construídos pelos homens. Para Facci (2004, p. 66), as formas superiores de comportamento“ [...] formaram-se graças ao desenvolvimento histórico da humanidade e originam-se na coletividade em forma de relações entre os homens, e só depois se convertem em funções psíquicas da personalidade”.

Em conformidade com esse pensamento, as autoras Barroco e Facci (2004) afirmam que:

a educação de crianças especiais deve partir do pressuposto de que simultaneamente com a deficiência também existem possibilidades compensatórias para superar as limitações, e que precisamente são essas as possibilidades que devem ser incluídas no processo educativo como sua força orientadora (p.65).

Dessa forma, cabe-nos enquanto mediadores das pessoas surdocegas, auxiliá-las nas suas limitações atenuando as dificuldades, segundo Luria (1987, p. 95), ao discutir o ato voluntário da criança afirma que a sua origem encontra-se na comunicação com o adulto, pois “[...] no início a criança deve se subordinar à instrução verbal do adulto para, nas etapas seguintes, estar em condições de transformar esta atividade ‘interpsicológica’ em um processo interno ‘intrapsíquico’ de auto-regulação [...]” sendo esse o grande desafio do professor de surdocegos.

Para o autor, a essência dos atos voluntários encontra-se nas formas de comportamento construídas socialmente e que, o processo de desenvolvimento de uma ação voluntária tem início com um ato prático realizado pela criança sob orientação de um adulto. Posteriormente, numa segunda etapa, é que a criança começa a utilizar sua própria linguagem externa para realizar uma ação, linguagem essa (externa), que interioriza-se, transforma-se em linguagem interna, a qual passará a regular a conduta da criança, surgindo assim a ação voluntária e consciente, mediada pela linguagem (LURIA, 1987).

Compreende-se que na Psicologia Histórico-Cultural, a constituição das funções psicológicas superiores caracteriza-se pela mediação do signo e, nesse processo, a linguagem apresenta papel de primeira ordem. As operações realizadas pela mediação dos signos na comunicação se apresentam ao homem como imprescindíveis, possibilitando a passagem do estágio de psiquismo natural para as formas históricas e construídas.

Segundo Vigotski (1995), não se pode ter uma visão simplista do desenvolvimento das formas superiores de comportamento, pois essas peculiaridades humanas são variáveis por possuírem uma história interna específica que está relacionada às condições históricas e culturais de cada sujeito. Essas formas culturais de comportamento, afirma o autor, não surgem somente como simples hábitos externos, elas se convertem em partes inseparáveis da personalidade e incorporam a ela novas relações, criando um sistema completamente novo para cada sujeito humano.

Na Psicologia Histórico-Cultural, a linguagem é um instrumento indispensável no processo de apropriação da experiência acumulada historicamente pela humanidade, sem o qual não pode ocorrer a atualização histórica do homem. Neste sentido, Leontiev (1978) afirma:

A apropriação da linguagem constitui a condição mais importante do seu desenvolvimento mental, pois o conteúdo da experiência histórica dos homens, da sua prática histórica não se fixa apenas, é evidente, sob a forma de coisas materiais: está presente como conceito e reflexo na palavra, na linguagem. É sob esta forma que surge à criança a riqueza do saber acumulado pela humanidade: os conceitos sobre o mundo que a rodeia (p. 327).

Alguns autores concordam com Vigotski, como Luria, seu colaborador e seguidor/discípulo, que coloca a linguagem como o elo entre pensamento e comunicação, declarando:

A linguagem serve ao homem como instrumento do pensamento e da comunicação. Por ela, o homem não só consolida suas relações com os outros membros do seu grupo social, como também, enquanto possibilidade de representação da realidade, faculta-lhe a complexidade de sua atividade psicológica (LURIA, apud KLEIN e ZIMERMANN, 1990, p. 28).

Para Vigotski (1997) momento em que a criança começa a desenvolver a linguagem, ocorre um salto quantitativo em seu desenvolvimento. Assim, o desenvolvimento do pensamento e da linguagem não emigra do estágio biológico para o histórico social de modo tranquilo, linear, mas, necessita do outro mais experiente, que ajuda a criança a se apropriar dos signos que são os mediadores culturais necessários para realização de tal rompimento. Pois, segundo o autor, com a ação concomitante do pensamento e da linguagem a criança passa a ter auto-regulação, isto é, tem comportamento completamente diferente dos impulsos biológicos que tinha até

então, com relação à imaginação, vontade, sentimentos e passa a agir usando, para organizar seu pensamento, também a capacidade intelectual.

Para Vigotski (1996, *apud* TULESKI, 2002), os processos psicológicos infantis, ou seja, a memória, a atenção, abstração, mediadas por signos a partir da apropriação da fala e do pensamento, pela inserção na cultura humana, se transformam em funções psicológicas superiores. E a escola tem papel fundamental nesse processo.

A escola seria uma das principais instituições para responder pelo desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois ajuda a criança a se apropriar dos signos/mediadores culturais, que permite o autodomínio ou autocontrole das capacidades mentais (intelectuais e emocionais) (TULESKI, 2002, p.117).

Para abordagem Histórico-Cultural deficiência não é vista apenas como defeito e limitação, mas também como fonte geradora de energia, a qual pode levar onde a vida da pessoa é reorganizada, tornando-se social. Vigotski (1997) afirma:

Se algum órgão, devido á deficiência morfológica ou funcional, não consegue cumprir inteiramente seu trabalho, então o sistema nervoso central e o aparato psíquico assumem a tarefa de compensar o funcionamento insuficiente do órgão, criando sobre ou sobre a função uma superestrutura psíquica que tende a garantir o organismo no ponto fraco ameaçado (p. 77).

Sob esse enfoque, propôs-se através dos encontros com os professores que atuarão junto aos surdocegos, que se deve sempre partir da premissa que se um órgão com defeito não consegue cumprir seu papel, o aparato psíquico assume a tarefa de fazer a compensação desse órgão insuficiente para que haja apropriação do conhecimento.

4 A metodologia da Implementação do Projeto PDE

A implementação do Projeto de pesquisa na escola é uma etapa importante no Programa de Desenvolvimento da Educação pela possibilidade de discutir com os professores os conteúdos estudados. No nosso caso, a implementação extrapolou a escola, contemplando os professores representantes das APAES pertencentes aos Núcleos Regionais de Educação de Francisco Beltrão, Dois Vizinhos e Pato Branco. Uma vez definidos os que participariam da formação, delimitou-se quais conteúdos seriam abordados. A Implementação do Projeto foi organizada em quatro encontros de seis horas semanais presenciais e quatro horas à distância, totalizando 30 horas, realizados nos meses de agosto a dezembro de 2010. A Secretaria Municipal de Educação de Francisco Beltrão aceitou o projeto e, em parceria com o Centro de Apoio Pedagógico de Francisco Beltrão – CAP, certificou o curso.

Cada encontro abordou um tema de estudo importante para os professores atuarem junto aos surdocegos pré e pós linguísticos atendendo suas especificidades.

- **Primeiro encontro:** Histórico da Educação Especial, da Surdocegueira e da Psicologia Histórico-cultural; Biografia de Vigotski; Caracterização e definição da Surdocegueira;
- **Segundo encontro:** Análise e debate sobre o filme O milagre de Anne Sullivan e o Documentário Lar de Zagorsk. Definição e classificação da Surdocegueira pré-linguística; Características dos comportamentos que podem ser observados em crianças surdocegas pré-lingüísticas; Aspectos fundamentais no desenvolvimento da comunicação; Aspectos relevantes para o desenvolvimento da aprendizagem da pessoa surdocega pré-lingüística. Como elaborar um calendário de rotina diária com a finalidade de antecipar as atividades que serão desenvolvidas com alunos surdocegos pré-linguísticos;
- **Terceiro encontro:** Definição e classificação da Surdocegueira pós-linguística; Formas de comunicação; Como se relacionar com a pessoa surdocega, Direitos da pessoa surdocega, Guia intérprete; Orientação e mobilidade;

- **Quarto encontro:** Confecção de material didático-pedagógico, Calendário de Rotina para surdocegos pré-linguísticos. Construção de materiais didáticos para atuar com surdocegos pós-linguísticos, como Sistema Malossi, baralho com alfabeto e números em braille tinta e datilológico. Braille tátil e pranchas com Sistema Pictográfico. Avaliação da Implementação do Projeto pelos cursistas.

Utilizou-se a metodologia de apresentação da teoria de tal forma que expressasse o porquê, o quando e o como se trabalhar, ou seja, teoria combinada com demonstração prática, bem como o planejamento das aulas, utilizando as mídias e, nas práticas, os materiais utilizados no dia-a-dia dos professores para aulas com esses alunos.

5 Considerações Finais

Em conformidade como objetivo proposto, de levantamento de onde e como são atendidas as pessoas com surdocegueira na região sudoeste do Paraná, bem como escolha do referencial teórico e metodológico para a formação dos professores das APAES dos NREs de Dois Vizinhos, Pato Branco e Francisco Beltrão, realizou a presente pesquisa.

Após a fase de pesquisa, passou-se para organização do curso, que contou com a estrutura e apoio do CAP – Centro de Apoio Pedagógico às Pessoas com Deficiência Visual de Francisco Beltrão.

Em cada um dos encontros, retomou-se com os professores como se deu a construção histórica da Educação Especial e da Surdocegueira no Brasil. O movimento pela educação inclusiva, que defende o direito de todos os alunos estarem e estudarem juntos, é um movimento mundial, desencadeado pela defesa aos direitos humanos, que não permite nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva conjuga igualdade e diferença como valores não separáveis, com o fim de conseguir a equidade para todas as crianças da escola independente de terem ou não necessidades especiais, conforme

explicita a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

Dentro deste contexto inclusivo e de acordo com os movimentos sociais e políticas públicas para a Educação Especial, que indicam a forma de suplementação e complementação que deve ser ofertada pelo ensino especial, ofereceu-se aos professores cursistas, como diagnosticar os surdocegos pré e pós-linguísticos bem como as diversas possibilidades de comunicação para essas pessoas.

O grupo de professores selecionados tinha vago conhecimento sobre o tema surdocegueira e relataram que por esse motivo tiveram dificuldade em diagnosticar se a sua entidade atendia alunos com surdocegueira quando realizou-se a pesquisação, e que após os estudos propostos nos encontros tem clareza e segurança não só em diagnosticar, mas também em realizarem a mediação com esses alunos. Procurou-se apresentar o conteúdo de cada encontro de forma bem consistente com a finalidade de oferecer subsídios teóricos-metodológicos que atendessem as especificidades dos surdocegos pré e pós-linguísticos.

Ao final dos quatro encontros aplicou-se uma avaliação em relação ao curso, onde os professores afirmaram que os temas abordados nos encontros foram de muita relevância e que, a partir de então, sentiram-se mais seguros e autônomos para atuarem junto aos surdocegos, bem como em utilizarem os materiais pedagógicos confeccionados durante suas aulas.

Pela atenção, comprometimento e aproveitamento por parte dos professores, percebeu-se que estavam carentes de aprofundamento em relação aos conteúdos e técnicas para atendimento às pessoas com surdocegueira. Constatou-se também que o aperfeiçoamento contínuo é necessário e que muitos professores sentiam-se despreparados para tal, mesmo já sendo especialistas em Educação Especial.

Estes resultados indicam que o professor precisa também receber formação continuada e de qualidade para melhorar a sua prática educativa em sala de aula.

Não podemos perder de vista que a segregação social e a marginalização dos indivíduos com supostas deficiências têm raízes históricas profundas, e a sua inclusão escolar não pode ser vista apenas como um problema de políticas públicas, pois envolve, sobretudo, “o significado ou a representação que as pessoas (no caso, os

professores) têm sobre o deficiente, e como esse significado determina o tipo de relação que se estabelece com ele” (GLAT, 2000. p. 18). O ensino deve se adaptar às necessidades dos alunos ao invés de buscar a adaptação do aluno a paradigmas preconcebidos a respeito do ritmo e da natureza dos processos de aprendizagem.

Vigotski (1997, p.87) nos faz refletir e rever nossos conceitos em relação ao ritmo de aprendizagem quando faz o seguinte questionamento: ”Por acaso a enorme massa de crianças sadias da humanidade alcança tudo o que eles poderiam e deveriam obter na sua estrutura psico-fisiológica?”

Diante disso, cabe-nos compreender como foi e está sendo construída a educação das pessoas com surdocegueira no mundo e no Brasil e avaliar as metodologias utilizadas na educação dessas pessoas.

Vigotski (1997) defende que é na atividade prática, nas interações que os homens estabelecem entre si e com a realidade objetiva, que se originam e que se desenvolvem as funções complexas do pensamento. Ou seja, é participando na coletividade, partilhando das relações entre pessoas, que o sujeito se apropria da linguagem e dos objetos físicos disponíveis em sua cultura, o que promove seu desenvolvimento. A interação social é o fator pelo qual ocorre o desenvolvimento do pensamento. Todo o conhecimento produzido pela humanidade ao longo da história vai sendo transmitido, de geração a geração, por meio da mediação entre o social e o indivíduo, tendo como veículo a linguagem e os objetos físicos. E, através de interação com outras crianças, com adultos, que a criança vai incorporando o saber, o conteúdo já elaborado e também o conhecimento acumulado nos instrumentos.

Com isso, a Teoria Histórico Cultural revela a grande importância da apropriação pelo indivíduo da experiência histórico-cultural, dos conhecimentos historicamente produzidos e/ou já existentes no mundo em que o indivíduo está inserido, sendo esse nosso maior objetivo ao propor essa formação ao grupo de professores selecionados, confiantes nas possibilidades de avanço na educação escolar de alunos surdoscegos.

REFERÊNCIAS

BARROCO, S.M.S. e FACCI, M. G. D. **Implicações da Psicologia Histórico-Cultural para a Educação Especial**: aprendizagem que movimenta o desenvolvimento. In: Proposta curricular para a educação especial: norteadores teóricos. Prefeitura Municipal de Sarandi, 2004.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BUENO, J. G. S. **Educação especial brasileira**: integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: EDUC, 1993.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A.; COSTA, M. P. R. Surdocegueira na perspectiva de alunos da graduação e pós-graduação. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; TANAKA, E. D. O. (Org.). **Educação especial**: políticas públicas e concepções sobre deficiência. Londrina: EDUEL, 2002.

CARVALHO, A R.; ROCHA, J. V.; SILVA, V. L. R. R.. Pessoa com deficiência na história: modelos de tratamento e compreensão; In: Programa Institucional de Ações Relativas às pessoas com Necessidades Especiais - PEE (org.). **Pessoa com deficiência na sociedade**: aspectos teóricos e práticos. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006. p.15 – 56.

FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?**: um estudo crítico-comparativo da Teoria do Professor Reflexivo, do Construtivismo e da Psicologia Vigotskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.

GLAT, R. **A integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão**. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 1995.

_____. **Capacitação de professores: pré-requisito para uma escola aberta à diversidade.** Revista Souza Marques, vol. I, 16-23, 2000.

_____. **A integração social dos portadores de deficiências: uma reflexão.** Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 1995.

GRUPO BRASIL e ABRASC. **O que pensamos sobre a pessoa surdocega e o que elas fazem para viver?** São Paulo: Liotti Del Arco Design Editorial, 2003a.

GRUPO BRASIL de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial. **Capacitação de profissionais para atendimento de pessoas surdocegas.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003b (Apostila do Grupo Brasil para o curso de capacitação).

GRUPO BRASIL. Parcerias de Apoio a Surdocegos. Disponível em: <http://www.grupobrasil.org.br/>. Acesso: 15/01/2010.

GUIMARÃES, M.; ROSS, P. **História da Educação Especial no Brasil.** Curitiba: IBEPX, 2003.

LAGATI, S. **"Deaf-Blind" or DEAFBLIND** – International Perspectives on Terminology – Journal of Visual Impairment & Blindness, May-June 1995. p. 306. Tradução Laura Lebre Ancilotto. Surdo-cego ou Surdocego– Projeto Ahimsa/Hilton Perkins, 2002.

LEONTIEV, Aléxis. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Horizonte, 1978.

LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas.** São Paulo: Cortez, 1996.

MCLNNES& TREFFY, J. A. **Deaf-blind infants and children: a developmental guide.** Guia do desenvolvimento de crianças surdocegas Trad. Mary Inês R. M. Loschiavo. São Paulo: AHIMSA, 1991.

MILES, B. e RIGGIO, M. **Desenvolvimento básico das formas de linguagem.** Tradução: Maria Inês Petersen. Massachusetts: Perkins School for the Blind, 1999.

MYKLEBUST, H. R. **Psicologia del sordo.** Madri: Ed. Magistério Espanõl, 1971.

NUNES, M. C. A. **Aprendizagem activa na criança multideficiente com deficiência visual** - um guia para educadores. Monograph presented in Educational Leadership Program. Massachusetts: Perkins School for the Blind, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Aprendizado e desenvolvimento:** um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

RODRIGUES, V. D. **Manual de normalização técnica para trabalhos de conclusão de curso da FEOL.** 2 edição. Oliveira: Faculdade Oliveira, 2008.

ROSS, P. R. **Deficiência:** a historicidade do processo de humanização. Revista Horizonte-Instituto Franciscano de Antropologia. São Paulo: IFAN, Universidade de São Francisco, 1995.

TELFORD, C. & SAWREY, J. M. **O indivíduo excepcional.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1976.

TULESKI, S. C. **Vygotski, a construção de uma psicologia marxista.** Editora da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2002.

VIGOTSKI , L. S. Fundamentos de defectologia. In: **Obras completas.** Trad. de Maria del Carmen Ponce Fernandez. Tomo V. Havana: Pueblo y Educación, 1997.

VYGOTSKY, L. S. e LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e a criança.** Trad. Lolio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.